



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

“OLHARES” SOBRE A MEDIATIZAÇÃO: ENTRE O TEÓRICO E O EMPÍRICO, O MICRO E O MACRO, O LOCAL E O GLOBAL

“LOOKS” ON MEDIATIZATION: BETWEEN THE THEORETICAL AND THE EMPIRICAL, THE MICRO AND THE MACRO, THE LOCAL AND THE GLOBAL

Moisés Sbardelotto¹

Resumo: Neste artigo, mediante uma revisão bibliográfica e leitura crítica, apresentamos, primeiramente, dois “olhares” primeiros sobre a mediatização, entendida como fenômeno comunicacional contemporâneo e também como conceito teórico-metodológico. Em seguida, refletimos sobre dois “ângulos de observação” do fenômeno, dois “olhares” teórico-metodológicos principais sobre a mediatização: o micro e o macro. Articulamos tal debate a partir das proposições teórico-empíricas de Braga (2016) e de Faxina e Gomes (2016), e, em nível mais amplo, a partir de dois grandes paradigmas metodológicos, o indiciário (GINZBURG, 1989) e o da complexidade (MORIN, 2008), mediante um “paradoxo” fecundo para os estudos sobre mediatização. Como conclusão, apontamos que a pesquisa, empiricamente, age sobre o mundo comunicacional a partir desses polos, reconstruindo-os constantemente, em seu esforço de observar a mediatização, em que observador e observação coexistem mutuamente.

Palavras-chave: mediatização; observação; método; metodologia; complexidade.

Abstract: This article, through a bibliographical review and critical reading, presents two first “looks” about mediatization, understood as a contemporary communicational phenomenon and also as a theoretical-methodological concept. Then, it reflects on two “observational angles” of the phenomenon, two main theoretical-methodological

¹ Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), pela linha de pesquisa Mediatização e Processos Sociais. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: m.sbar@yahoo.com.br.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

“looks” on the mediatization: the micro and the macro. It articulates such a debate on the basis of the theoretical-empirical propositions of Braga (2016) and of Faxina and Gomes (2016), and, at a broader level, from two great methodological paradigms, the inductive (GINZBURG, 1989) and the complex (MORIN, 2008), through a fruitful “paradox” for studies on mediatization. As a conclusion, it points out that the investigation, empirically, acts on the communicational world from these poles, constantly reconstructing them in their effort to observe mediatization, in which observer and observation coexist mutually.

Keywords: Mediatization; Observation; Method; Methodology; Complexity.

1. Introdução

Hoje, cada vez mais, vivemos a transformação e a passagem de uma “era dos meios de massa” para a “era da massa de meios”, em que se explicita a “possibilidade de qualquer pessoa se transformar em mídia, capaz de falar para milhares de outras pessoas” (ALVES, 2013, s/p). As práticas comunicacionais contemporâneas apontam justamente para uma travessia de um “deserto”, com seus cactus, arbustos secos e poucos animais, como metáfora do ambiente midiático da era industrial, rumo a uma “floresta amazônica”, uma selva úmida, com uma enorme biodiversidade, “onde qualquer ser minúsculo tem chance de sobreviver”, como metáfora do ambiente que se está formando depois do “dilúvio digital” (ibid., s/p). Vivemos atualmente, portanto, em uma “nova ambiência” sociocomunicacional (GOMES, 2008), em que são inúmeros os agentes sociais que manifestam comunicacionalmente as suas competências sobre diversos âmbitos do social, para além da ação das corporações midiáticas.

Trata-se de um fenômeno de *mediatização* das sociedades contemporâneas, conceito que emerge como “um princípio, um modelo e uma atividade de operação de *inteligibilidade social*. Noutras palavras, a mediatização é a *chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade*” (GOMES, 2008, p. 21, grifo nosso), por revelar a natureza comunicativa e comunicacional das culturas e das sociedades. E o “conteúdo” do fenômeno da mediatização são os processos midiáticos, cada vez mais abrangentes, cada vez mais acelerados, cada vez mais diversificados (cf. ibid., 2010).



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Isto é, as condições de possibilidade de interação humana, de comunicação social e de organização societal passam a ser condicionadas (mas não necessariamente *determinadas*) por lógicas e dinâmicas midiáticas múltiplas e diversas. “A sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais” (GOMES, 2008, p. 21, grifo nosso).

Em todo o mundo, nos anos recentes, o conceito de mediatização vem ganhando força e relevância acadêmicas. Isso se deve não apenas ao fato de tal concepção ajudar a entender e a explicar os atuais processos comunicacionais, na inter-relação entre processos midiáticos e processos sociais, mas também porque permite captar a complexidade das lógicas e dinâmicas das próprias sociedades e culturas contemporâneas, ao buscar ir além de um mero “tecnocentrismo” ou “midia-centrismo”, na tentativa de compreender as múltiplas *relações de relações* que estão envolvidas na construção de sentido social. Tal conceito possibilita, assim, “uma compreensão mais abrangente do que está acontecendo hoje na sociedade”, centrada na “comunicação em si” (FAXINA; GOMES, 2016, p. 17-18). O desafio da pesquisa, portanto, está lançado: diante de um cenário comunicacional complexo como o contemporâneo, é necessário *complexificar o olhar* sobre tais fenômenos.

Neste artigo, mediante uma revisão bibliográfica e leitura crítica, apresentamos, primeiramente, dois “olhares” primeiros sobre a mediatização, entendida como fenômeno comunicacional contemporâneo e também como conceito teórico-metodológico. Em seguida, refletimos sobre dois “ângulos de observação” do fenômeno, dois “olhares” teórico-metodológicos principais sobre a mediatização: o *micro* e o *macro*. Articulamos tal debate, que acarreta implicações significativas para os desdobramentos da pesquisa, a partir das proposições teórico-empíricas de Braga (2016) e de Faxina e Gomes (2016), e, em nível mais amplo, a partir de dois grandes paradigmas metodológicos, o indiciário (GINZBURG, 1989) e o da complexidade (MORIN, 2008), mediante um “paradoxo” fecundo para os estudos sobre mediatização. Como conclusão, apontamos que em meio aos “olhares” micro e macro, holista e ecológico, indiciário e complexo, e suas complementaridades e antagonismos, a pesquisa, empiricamente, age sobre o mundo comunicacional a partir desses polos, reconstruindo-os constantemente, em seu esforço de *observar a mediatização*. Em suma,



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

a mediatização como processo engloba e gera seu observador; mas, ao mesmo tempo, o observador engloba e gera a mediatização como conceito. Observador e observação só podem coexistir em um processo de comunicação mútuo.

2. Mediatização, fenômeno comunicacional contemporâneo

Um primeiro “olhar” sobre a mediatização é o de entendê-la como fenômeno comunicacional contemporâneo, Mata (1999), em um dos estudos pioneiros sobre tal processo, já apontava para a emergência de “cultura articulada em torno a meios e tecnologias”, que define “uma nova matriz para a produção simbólica dotada de um estatuto próprio e complexo” (p.82, trad. nossa). É a partir da evolução tecnológica e da emergência de novas tecnologias, articuladas com condições e modalidades sociais de produção e de recepção, que “a comunicação midiática gera um processo de mediatização das sociedades industriais” (VERÓN, 1997, p.14, trad. nossa).

A mediatização, nesse sentido, não é um fenômeno novo, mas um fundamento da própria comunicação humana. “Sem mediatização não haveria sociedades humanas”, porque são os fenômenos midiáticos que tornam possível a “intervenção da temporalidade sob a forma de um *passado* e de um *futuro*” (VERÓN, 2013, p. 299, trad. nossa). Retomar essa longa trajetória, essa “perspectiva de longo prazo da mediatização” (VERÓN, 2014), nos permite evitar pensá-la como uma mutação inexistente e impensável em épocas anteriores ou como uma ruptura a-histórica nos processos sociais, assumindo, ao contrário, uma perspectiva social, histórica, evolutiva, que dá “ênfase às continuidades, complementações e mestiçagens, e não às rupturas e mutações radicais” (MIÈGE, 2009, p. 82).

Se a mediatização pode ser entendida como um processo cultural historicamente emergente, contudo, é preciso salientar que, do ponto de vista observacional, é a experiência social contemporânea que possibilita a emergência da mediatização como objeto de reflexão comunicacional. Isso se dá graças a pontos de saturação e bifurcações na escala espaço-temporal, em termos de velocidade e alcance dos processos comunicacionais. Nesse processo, a curva histórica de evolução da mediatização sofre deslocamentos significativos, especialmente “nos últimos anos do século XX, em



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

sociedades modernas e altamente industrializadas” (HJARVARD, 2013, p. 18, trad. nossa).

Assim, ao mesmo tempo em que é possível perceber uma continuidade dos processos midiáticos ao longo da história, também é preciso reconhecer a sua transformação e mudança a partir do século XX, em aceleração cada vez maior por parte dos avanços tecnológicos e da industrialização recente. Não se trata de um desenvolvimento gradual e linear, mas de uma evolução em processos de mudança históricos heterogêneos e irreversíveis, não tanto mediante uma “seleção natural”, mas sim por meio de uma *seleção social* em relação a aspectos caracterizadores da comunicação.

Hoje, de modo especial, deparamo-nos com um “salto” histórico. Verón (2012) aponta para isso ao abordar a “*mutação* nas condições de acesso dos atores individuais na discursividade midiática, produzindo *transformações inéditas* nas condições de circulação” (p. 14, trad. e grifos nossos). Isso demanda a revisão, de um lado, da ideia de que o “comunicacional” está só no âmbito das corporações midiáticas empresariais e, de outro, de que as práticas sociais se resumem a ações de “audiências”, “usuários”, “consumo”. Como aponta Couldry (2010), está ocorrendo uma transformação profunda que questiona a “ontologia” na qual se baseava o paradigma da comunicação de massa. “Os produtores e consumidores de mídia agora são, muitas vezes, a mesma pessoa; as produções culturais profissional e amadora não estão distantes, mas, sim, sobrepondo-se intimamente, como áreas do mesmo vasto espectro” (p. 52, trad. nossa).

As inovações tecnológicas e seus usos comunicacionais fazem com que as lógicas midiáticas perpassem, cada vez mais, as processualidades internas de manifestação e existência das sociedades contemporâneas. Portanto, a questão comunicacional passa a surgir com mais ênfase quando os processos sociais se mediatizam a partir da conjugação de um *processo tecnológico* (inovações que possibilitam ações comunicativas mediatizadas em larga escala) e de um *processo social* (práticas comunicacionais experimentais da sociedade). Ou seja, a sociedade passa a operar mediante “processos mediatizados” (BRAGA, 2012, p. 33), que explicitam com mais evidência as “mediações *comunicativas* da cultura” (BARBERO apud BRAGA, 2012, p. 34).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Por isso, Braga (2006, p. 2) defende a mídiatização como “processo interacional em marcha acelerada para se tornar o processo ‘de referência’”, ou seja, um processo que “‘dá o tom’ aos processos subsumidos”, uma espécie de “organizador principal da sociedade”. Em publicação mais recente, o autor indica que “a mídiatização se põe hoje como principal mediação de todos os processos sociais” (BRAGA, 2012, p.51). Gomes (2006, p. 113) vai além e afirma que vivemos uma “mudança epocal, com a criação de um *bios* midiático que incide profundamente no tecido social”. Esse *bios* refere-se, justamente, a “um novo modo de ser no mundo representado pela mídiatização da sociedade” (ibid.). Como afirma Fausto Neto (2005, p. 3), “nada existiria fora, portanto, dessa nova conformidade [da mídiatização], como possibilidade geradora de sentidos”.

Assim, o que a mídiatização revela é uma configuração social em que “não há processos lineares entre uma causa e um ‘efeito’; encontramos-nos frente a um emaranhado de circuitos de ‘feedback’” entre instituições, meios e atores individuais (VERÓN, 1997, p.15, tradução nossa). Tal processo aponta para uma transformação nos modos de funcionamento e de organização e nas afetações recíprocas entre esses três “polos” da comunicação, o que gera uma mudança social, uma “nova natureza sócio-organizacional”, em que ocorre a transformação de “estágios de linearidades para aqueles de descontinuidades, onde noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidade” (FAUSTO NETO, 2005, p.3), superando uma noção puramente linear de comunicação como “causa e efeito”.

Revela-se central, portanto, perceber “de *forma global* os processos de mídiatização” (VERÓN, 1997, p. 15, grifo nosso). Pois se trata de um fenômeno que transcende e ultrapassa o campo midiático-tecnológico, inserindo-se em processualidades cujas dinâmicas ocorrem “a partir de suas próprias lógicas, operações ‘saberes’ e estratégias *na direção de outros campos sociais*” (FAUSTO NETO, 2005 p.10, grifo nosso). A mídiatização é um fenômeno que transcende os meios e as mediações, apontando para processualidades comunicacionais cujas “dinâmicas tecno-discursivas seriam desferidas a partir de suas próprias lógicas, operações, ‘saberes’ e estratégias na direção de outros campos sociais” (FAUSTO NETO, 2005, p.10). Em suma, a mídiatização revela “uma lógica mais complexa” (id.) das sociedades



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

contemporâneas. Segundo Verón (2002, p.13, trad. nossa), “quanto mais uma sociedade se mediatiza, tanto mais ela se complexifica”.

Nesse sentido, não há “*uma única forma estruturante* que explique a totalidade de seu funcionamento. A mediatização opera por meio de *diversos mecanismos* de acordo com os setores da prática social que interesse e produza, em cada setor, consequências diversas (VERÓN apud MATA, 1999, p.83, trad. e grifo nossos). Assim, a tentativa de compreensão da mediatização demanda *olhares diversos* sobre as dinâmicas e os sentidos do atual fenômeno comunicacional.

3.Mediatização, conceito teórico-metodológico

Passemos, agora, ao segundo aspecto, a reflexão sobre mediatização como conceito teórico-metodológico. Como afirma Mata (1999), o conceito de mediatização permite “prover um novo princípio de compreensão acerca dos fenômenos de produção coletiva de significados nas sociedades atuais” (p.81). Contudo, segundo Fausto Neto (2005, p.1), trata-se de “um conceito em formação [que] é ainda pouco problematizado”. Percebe-se que a mediatização não se apresenta como um conceito unívoco e consensual entre os autores, pois traz múltiplas vozes em seu interior. Isso não significa que se trate de um conceito equívoco ou polissêmico, mas sim de um conceito “plurívoco” e “polissêmico”, isto é, “um conceito que admite várias significações, que tem muitos sentidos e acepções, e não um conceito que tem vários significados” (FAXINA; GOMES, 2016, p. 183). Com isso, surgem também “*diversas maneiras de descrever o que é esse fenômeno*, cada qual apresentando uma cosmovisão diferente e até divergente diante dos meios de comunicação” (id., grifo nosso).

Sinal disso são as diversas linhagens de pesquisa ou “escolas” que trabalham com tal concepção: a partir do Norte do mundo, principalmente, a da Dinamarca (em que se destacam os trabalhos de Stig Hjarvard), a da França (com destaque para Bernard Miège, dentre outros), a da Alemanha (com destaque para Andreas Hepp, dentre outros), a da Inglaterra (com destaque para Nick Couldry, dentre outros). A partir do Sul do mundo, a da Argentina (com destaque para Eliseo Verón, dentre outros) e a do Brasil, no qual, dentre outras, ganha proeminência a de São Leopoldo, a partir das pesquisas realizadas pela linha de pesquisa *Mediatização e Processos Sociais*, do PPG



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

em Ciências da Comunicação da Unisinos (RS), que já constituem uma verdadeira “tradição” acadêmica (BRAGA, 2016). Seus integrantes, de certo modo, são fundadores dessa perspectiva de pesquisa não apenas em nível regional, mas também nacional. Aqui, inserem-se as várias pesquisas realizadas individualmente pelos professores membros da linha e também articuladas em livros coletivos publicados ao longo dos anos, como Fausto Neto et al. (2008), Gomes et al. (2012) e Ferreira et al. (2017), assim como as várias pesquisas sobre midiatização em nível de mestrado e doutorado.

Existem, portanto, “múltiplos conceitos atribuídos à midiatização” (FAXINA; GOMES, 2016, p. 183). Gomes (2016) – que compõe aquela que podemos chamar de “escola de São Leopoldo” nos estudos sobre midiatização –, em sua pesquisa atual, busca precisamente identificar os conceitos transversais que permitem uma abordagem sistêmica dos meios tecnológicos de comunicação, ultrapassando a sua singularidade e atingindo a complexidade de uma sociedade em vias de midiatização. É um debate em andamento, de extrema relevância. Somados e solidários com essa perspectiva, cremos que há ainda outra questão relacionada em jogo: a partir dessas diversas conceituações sobre midiatização, como ela está sendo *observada empiricamente* pelas pesquisas em desenvolvimento? A partir de que observáveis a midiatização está sendo observada? Quais pontos de vista empírico-metodológicos estão sendo acionados? Isto é, que olhares estão sendo lançados sobre esse fenômeno? E como, por sua vez, retroativamente, tais olhares, ângulos e pontos de vista sobre o empírico contribuem para a (re)construção do próprio conceito de midiatização?

Aqui, é preciso voltar a um “marco temporal” da pesquisa recente em midiatização no Brasil. Trata-se da realização, em dezembro de 2016, na Unisinos, em São Leopoldo (RS), do *I Seminário Internacional de Pesquisa em Mídia e Processos Sociais*, reunindo pesquisadores das mais diversas linhagens, brasileiros e estrangeiros, que se debruçam sobre o conceito e o fenômeno da midiatização. O Seminário Internacional, primeiro evento desse porte no Brasil dedicado à midiatização, buscou, precisamente, estimular a reflexão sobre o conceito a partir das tensões entre diversas perspectivas, promovendo um “estado da arte” das pesquisas que versam sobre o tema. O evento também reuniu representantes dos mais diversos centros de reflexão



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

sobre mediatização, em vistas a facilitar processos de circulação de saber, favorecendo quebras de gargalos, hegemonias e dispersão cognitiva.

O Seminário Internacional possibilitou, assim, a identificação de alguns “eixos conceituais” em torno da mediatização, acionados nas pesquisas empíricas para a análise de processos comunicacionais heterogêneos: ambiência e ambiente; circulação e circuito; dispositivos e interações; instituições e atores; semiose e transformações das crenças. Contudo, trata-se de eixos em processo de construção e também incompletos, sendo constantemente problematizados e complexificados nas pesquisas em desdobramento. O mais importante, além disso, é que o evento constituiu um grande “cadinho” de teorizações e experimentações metodológicas diversas sobre mediatização, que enriquecem os estudos da área no Brasil e, ao mesmo tempo, dão mais impulso ao próprio desenvolvimento do conceito.

Nesse contexto, o Seminário Internacional e a “escola de São Leopoldo” – seus diversos pesquisadores, pesquisas e acionamentos teórico-metodológicos – emergem como um polo de observação privilegiado sobre a reflexão teórico-metodológica a respeito da mediatização e sobre o próprio fenômeno comunicacional indicado por tal conceito. Especificamente nos Anais do Seminário Internacional, manifestam-se *modos de observação particulares* sobre os processos de comunicação midiáticos.

Embora não seja o objetivo deste texto, pode-se afirmar que, a partir dos relatos de gestos de observação sobre processos comunicacionais relacionados com o conceito de mediatização, é possível inferir *o que foi efetivamente observado e como se deu tal observação*, mesmo quando os aspectos metodológicos não estejam evidenciados nos textos. A organização, sistematização e reflexão sobre tal “observação de segunda ordem” pode também fornecer elementos e subsídios para aprimorar os olhares teórico-metodológicos sobre mediatização, seja em nível local-nacional, seja em nível internacional, junto com outras “escolas”.

4. Mediatização, para além do micro e do macro

Dada a complexidade do ecossistema midiático contemporâneo, surge a necessidade de abordagens teórico-metodológicas atentas para a emergência dos fenômenos e para as mudanças e transformações das práticas comunicacionais mediante



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

processos midiáticos. Pois, com o avanço tecnológico e sua apropriação social em processos comunicacionais emergentes, vai-se constatando cada vez mais “uma *aceleração e diversificação* de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade” (BRAGA, 2012, p. 35).

A midiatização, portanto, se situa em uma “dialética das reciprocidades na mudança da comunicação midiática, por um lado, e na contínua mudança social e cultural, por outro” (HEPP, 2012, p. 44, trad. nossa). Ela tem algo de *relativo* aos sistemas e processos midiáticos que a originam (aspecto dedutível), mas também algo de *absoluto* em sua novidade fenomênica, que, por sua vez, condiciona aqueles sistemas e processos (aspecto irredutível) (cf. MORIN, 2008). Nesse sentido, a midiatização é *metaprocessual* (KROTZ, 2007) e *metamidiática* (GOMES, 2013), pois é a gênese de meios sociais (sociedades e culturas) que geram e são gerados por meios midiáticos (mídias), em complexidade crescente.

Nesse sentido, a midiatização é tanto um *fenômeno processual* quanto um *processo fenomênico*. Ou seja, ao mesmo tempo em que constrói a midiatização como processo, a sociedade é por ela construída e não a controla como fenômeno, pela complexidade dos contextos culturais específicos – interacionais, híbridos, intersubjetivos, indeterminados, irreversíveis, mutáveis, complexos (SBARDELOTTO, 2016).

Para compreender esse fenômeno, as pesquisas realizadas no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, que dão forma àquela que pode ser chamada de “escola de São Leopoldo”, especificamente, vem trabalhando a partir de diversos conceitos transversais, que perpassam todos os meios e que dão consistência para a compreensão daquilo que hoje entendemos como uma sociedade em midiatização (cf. FAXINA; GOMES, 2016). Entrevê-se aí uma linhagem, uma “tradição” de pesquisa em que se expressa, “junto com uma sintonia de preocupações maiores, a valoração de uma diversidade de perspectivas que, no seu tensionamento, produz o diálogo que nos mantém despertos” (BRAGA, 2016, p. 15).

Nessa diversidade de perspectivas, destacam-se principalmente dois “ângulos de observação” do fenômeno por excelência, dois “olhares” teórico-metodológicos principais sobre a midiatização: o *micro* e o *macro*. Trata-se de um debate em curso,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

que acarreta implicações significativas para os desdobramentos da pesquisa. Representantes de tais “olhares” são, respectivamente, José Luiz Braga e Pedro Gilberto Gomes. Mais do que uma dicotomia, temos aí, como aponta Braga (2016), um “paradoxo” fecundo para os estudos sobre mediação.

De um lado, há a “preferência pelo estudo de casos em sua especificidade, por um processo de descoberta a partir dos microfenômenos” (BRAGA, 2016, p. 7). De outro, há a preferência pelo estudo do “processo de mediação da sociedade [...] no seu todo”, isto é, a “rede de relações dos processos de comunicação” (FAXINA; GOMES, 2016, p. 179), ou ainda a “totalidade dos fenômenos da mídia [que] cria uma ambiência que transcende os microfenômenos” (ibid., p. 180). Em ambos os casos, cada concepção metodológica leva a objetos distintos (FAXINA; GOMES, 2016), e se aprendem coisas diferentes em uma instância ou outra (BRAGA, 2016): daí a relevância de “observar a observação” das pesquisas sobre mediação, para perceber como os objetos são construídos e observados, e como a sua operacionalização trabalha e constrói o conceito de mediação.

Como ambos os autores reconhecem, há um ponto de articulação possível entre ambas as perspectivas. Braga (2016, p. 13), concordando com Gomes, reconhece a “ineficiência do estudo particular de cada um dos meios de comunicação, por suas lógicas específicas: o que importa são os processos que os articulam a todos e, sobretudo, os processos interacionais da própria sociedade”. Ou seja, na articulação entre micro e macro, desponta “o estudo dos *processos transversais* que comparecem igualmente nos casos sociais de matrizes interacionais e de circuitos complexos” (id., grifo nosso).

Podemos ampliar tal “paradoxo” a partir de outros dois grandes paradigmas metodológicos: o *indiciário* (GINZBURG, 1989) e o da *complexidade* (MORIN, 2008). Por um lado, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p.177). Minúsculas particularidades podem ser pistas para reconstruir cientificamente transformações não diretamente acessíveis. Em termos comunicacionais, o próprio sentido “não existe senão em suas manifestações materiais, nas matérias significantes que mostram as marcas pelas quais é possível descobri-lo” (VERÓN, 1980, p. 103).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Por outro lado, como também indica Verón (1980, p. 189), “analisando *produtos*, visamos a *processos*”. Isto é, a midiatização, por si só, envolve um processo sistêmico-complexo que adquire, cada vez mais, “um status de inteligibilidade, de hermenêutica social, que engloba privilegiar a *complexidade do processo*” (GOMES, 2010, p. 25, grifo nosso). E a complexidade é como um “tecido (*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos, inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo” (MORIN, 2008, p. 20), como no caso das ações comunicacionais contemporâneas.

Desse modo, é possível relacionar as perspectivas de Braga (2016) e Faxina e Gomes (2016), buscando justamente “escapar à alternativa entre o pensamento redutor que só vê os elementos e o pensamento globalista que apenas vê o todo” (MORIN, 2008, p. 148). É preciso, portanto, evitar o linearismo/reducionismo, que julga como simples o complexo, crendo ingenuamente em uma “ideologia observacional” (FEYERABEND, 2011), assim como o holismo/abstracionismo, que complica o complexo, caindo eruditamente nas “ratoeiras da abstração” (VEYNE apud GUSMÃO, 2012, p. 83).

O esforço é criar “uma forma incessante que separa e reúne, analisa e sintetiza, abstrai e reinsere no concreto” (MORIN, 2000, p. 91), sem separar e reduzir, mas conectando o que é complementar, concorrente e antagônico, distinguindo-os. “A análise chama a síntese que chama a análise, e isso ao infinito em um processo produtor de conhecimento” (MORIN, 2008, p. 462). Assim, isolamos momentaneamente alguns rastros para entendê-los (pensamento indiciário-analítico) e depois voltamos a colocá-los em seus contextos e processos para interpretá-los (pensamento sistêmico-complexo). Desse modo, é possível tomar os processos midiáticos “na sua totalidade, com suas relações, conexões e interconexões”, sem fragmentá-los “em suas partes: produtor, produção, conteúdo, veículo, público, receptor, recepção” (GOMES, 2010a, p.110).

Assim, a *virtualidade/potência* da midiatização (FAXINA; GOMES, 2016) se atualiza, empiricamente, em *materialidades/fatos* como os sentidos em circulação (BRAGA, 2016). Ou seja, é preciso “distinguir sem separar, associar sem identificar ou reduzir” (MORIN, 2008, p. 22) os diversos casos individuais e processos mais amplos,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

pensando-os em termos de conexidade, de relações, de contexto, mantendo “a dualidade no seio da unidade”, de modo complementar e antagônico (MORIN, 2008, p. 107).

Como diria Pascal, “considero impossível conhecer as partes enquanto partes sem conhecer o todo, mas considero ainda menos possível conhecer o todo sem conhecer singularmente as partes” (apud MORIN, 2008, p. 148). Ou seja, o todo está na parte, que está no todo (cf. MORIN, 2008): e assim podemos entender também as relações entre os sentidos, interagentes, práticas e interações comunicacionais, como “partes” de um “todo” que é a mediação, em que o “todo” é mais do que a mera soma das “partes”, envolvendo também sua inter-relação e organização. Por sua vez, esse “todo” não se fecha em uma unidade funcional com uma complexidade interna própria (concepção *holista*), mas, como sistema-rede, insere-se em outros macrossistemas e em outras macrorredes, em relações interativas, interdependentes e inter-retroativas (concepção *ecológica*) (MORIN, 2008).

Ao pensar o processo comunicacional como relações em rede ou relações sistêmicas, é importante reconhecer que o isolamento de um sistema-rede nas observações empíricas é uma *abstração operada pelo observador*. Cada observável pode ser visto a partir de um nível subsistêmico (como parte de outro sistema) ou também metassistêmico (englobando outros sistemas). Essa determinação depende de seleções, escolhas e decisões que, por sua vez, “dependem de condições culturais e sociais em que se inscreve o observador” (MORIN, 2008, p. 175).

Na realidade dos fenômenos comunicacionais, não existe uma fronteira clara e delimitável entre o que faz parte de um sistema e o que o extrapola, entre o que faz parte de uma rede ou o que a abrange: é a ação de observação, justamente, que “fronteiriza”, que delimita, que circunscreve o processo. Disso decorrem duas consequências: 1) um *princípio de incerteza* nas análises do fenômeno da mediação e dos complexos sistêmicos que o compõem; e 2) um *princípio de arte*, porque a concepção das interações sistêmicas depende da sensibilidade do observador para conceber sinfonias onde outros poderão encontrar apenas barulhos, ruídos, cacofonias (MORIN, 2008).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

5. Conclusões

Micro e macro, holista e ecológico, indiciário e complexo: em meio aos seus “paradoxos”, complementaridades e antagonismos, as pesquisas, empiricamente, agem sobre o mundo comunicacional a partir desses polos, reconstruindo-os constantemente, em seu esforço de *observar a mediação*. Assim, promovem gestos metodológicos que conseguem transitar em meio às possibilidades heurísticas de cada ponto de observação. Como afirma Braga (2016, p. 14), trata-se de um movimento de “ir e voltar” entre “o mundo das coisas imediatas percebidas e o espaço abrangente das coisas refletidas”. Pode-se, assim, identificar, concretamente, como se dá esse movimento ou como são operacionalizados aqueles grandes pontos de vista, em uma tentativa de “observar a observação” (o *que* é como observado e *como* é observado).

A observação (de primeira ordem, neste caso) não é um “reflexo das coisas reais”, mas sim *um trabalho, uma atividade, uma construção* subjetiva, humana, comunicacional sobre algo que nos escapa (o “mundo vivido”), relatado discursivamente em forma de pesquisa. Portanto, é uma ação marcada pela incerteza: o que efetivamente observamos quando observamos? O que efetivamente observamos quando descrevemos nossas observações? Essa incerteza explicita também “o problema dos limites do entendimento do observador” (MORIN, 2008, p. 115).

“Observar a observação”, portanto, é não apenas problematizar os gestos metodológicos acionados pelo observador sobre determinado observável, mas também inferir outros gestos operados pelo observador que permanecem “inconscientes”, não assumidos discursivamente, e ainda inferir aspectos não observados, propositalmente ou não, que revelam características relevantes do processo em observação. Em suma, tal “observação de segunda ordem” busca *inserir incerteza* em processos de observação, que, muitas vezes, podem se passar por neutros, automatizados, lisos. “O real só toma corpo, forma e sentido sob forma de mensagens que um observador/conceituador interpreta” (MORIN, 2008, p. 430). Daí a importância de conhecer *o quê e como* ele observa aquilo que, depois, irá interpretar.

“O conhecimento do céu não cai do céu”, afirma Morin (2008, p. 120). Assim também o conhecimento da mediação é resultado *daquilo que é observado e do*



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

modo como é observado. As pesquisas observam “coisas” a partir das lentes conceituais da mediação; e, por outro lado, observam “coisas” a que dão o nome de mediação. Portanto, são os processos de observação da mediação (como *conceito* e como *processo*) que permitem construí-la teoricamente. A mediação como processo engloba e gera o observador; mas, ao mesmo tempo, o observador engloba e gera a mediação como conceito (cf. MORIN, 2008). Observador e observação só podem coexistir em um processo de comunicação mútua. Há uma “comunicação [...] inseparável de uma práxis dialética entre o observador e a observação” (MORIN, 2008, p. 432).

Nesse sentido, é preciso se voltar para o “observador escondido [nas pesquisas sobre mediação] e para o que está escondido atrás dele” (MORIN, 2008, p. 116). Pois toda observação da mediação é uma “práxis transformadora”: acompanhada de pensamento e de reflexão, ela corresponde a “rearranjos e redistribuições nos sistemas de ideias” que, por sua vez, podem “desencadear modificações na ação e no comportamento”, gerando “transformações em cadeia” (MORIN, 2008, p. 431). “Observar a observação”, nesse sentido, é uma “metapráxis que é novamente uma práxis” sobre a relação “tradutora, transdutora, transformadora, relativizante [...] entre o observador e a sua observação” (MORIN, 2008, p. 432).

A busca das especificidades e das transversalidades dos variados modos teórico-metodológicos de “observação da mediação”, em sua sintonia, diversidade, tensionamento e diálogo, pode oferecer impulsos e insumos para o aprofundamento dos estudos sobre mediação.

Referências

ALVES, Rosental Calmon. “Passamos dos meios de massa para a massa de meios”. *Valor Econômico*, São Paulo, 31 jul. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/Mtjajae>>.

BRAGA, José Luiz. *Sobre “mediação” como processo interacional de referência*. 15º Encontro anual da COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 06 a 09 de junho de 2006.

_____. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006a.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

- _____. Pesquisando perguntas (um programa de ação no desentranhamento do comunicacional). In: FAUSTO NETO, Antonio et al.(orgs). *Mediatização e processos sociais: aspectos metodológicos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010b, p. 79-93.
- _____. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (orgs.). *Mediação e Mediatização*. Salvador: EDUFBA, 2012a, p. 31-52.
- _____. A política dos internautas é produzir circuitos. In: ALEXIUS, A.; SILVA, L. C.; MAIA, M. (orgs.). *Observatórios, metodologias e impactos: referências, memórias e projeções*. São Leopoldo: Unisinos, 2015, p. 7-20.
- _____. Prefácio. In: FAXINA, E.; GOMES, P. G. *Mediatização: um novo modo de ser e viver em sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 5-16.
- COULDRY, Nick. A Mídia tem futuro?. *MATRIZES*, São Paulo, ano 4, nº 1, jul./dez. 2010, p. 51-64. Disponível em: <<http://goo.gl/ONPKaq>>.
- FAUSTO NETO, Antonio. Mediatização, Prática Social – Prática de Sentido. In: *Anais do Seminário sobre Mediatização*, São Leopoldo, 2005.
- FAUSTO NETO, A. et al. (orgs.). *Mediatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008.
- FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. *Mediatização: um novo modo de ser e viver em sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- FERREIRA, J. et al. (orgs.). *Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a mediatização?* Santa Maria: Editora UFSM, 2017.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.143-179.
- GOMES, Pedro Gilberto. *A filosofia e a ética da comunicação na mediatização da sociedade*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- _____. O processo de mediatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas socio-simbólicas na contemporaneidade: a relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, A. et al. (orgs.). *Mediatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008, p.17-30.
- _____. *Da Igreja Eletrônica à Sociedade em Mediatização*. São Paulo: Paulinas, 2010.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

-
- _____. Fenomenologia da comunicação. In: FERREIRA, J.; SIGNATES, L.; PIMENTA, F. J. P. *Estudos de comunicação: transversalidades epistemológicas*. São Leopoldo: Unisinos, 2010a, p. 101-114.
- _____. Como o processo de mediatização (um novo modo de ser no mundo) afeta as relações sociais? In: BRAGA, J. L. et al. (orgs.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, 2013, p. 127-139.
- _____. *Mediatização, Sociedade e Sentido: conceitos transversais*. Projeto de pesquisa submetido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). São Leopoldo, 2016.
- GOMES, Pedro G. et al. (orgs.). *Mídias e religiões: a comunicação e a fé em sociedades em mediatização*. 2ª ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos; Casa Leiria, 2012.
- GUSMÃO, Luís de. *O fetichismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.
- HEPP, Andreas. *Cultures of Mediatization*. Cambridge: Polity, 2012.
- HJARVARD, Stig. *The Mediatization of Culture and Society*. New York: Routledge, 2013.
- KROTZ, Friedrich. The Meta-Process of 'Mediatization' as a Conceptual Frame. *Global Media and Communication*, Thousand Oaks, vol. 3, 2007, p.256-260. Disponível em: <<http://migre.me/4Cvan>>.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- MATA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediatica. *Dialogos de la Comunicación*, Lima, n. 56, out. 1999, p. 80-91.
- MIÈGE, Bernard. *A sociedade tecida pela comunicação: Técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MORIN, Edgar. A epistemologia da complexidade. In: MORIN, E.; LE MOIGNE, J.-L.. *A inteligência da complexidade*. 2ª ed. São Paulo: Peirópolis, 2000, p. 43-138.
- _____. *O método 1: a natureza da natureza*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, no prelo.
- VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

_____. Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos de la Comunicación*, Lima, n. 48, 1997, p. 9-17.

_____. Conversación sobre el futuro. In: *Espacios mentales: efectos de agenda 2*. Barcelona: Gedisa, 2002.

_____. Prólogo: La mediatización, ayer y hoy. CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (orgs). *Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación*. Buenos Aires: La Crujía, 2012.

_____. *La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires: Paidós, 2013.

_____. Teoria da midiática: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *MATRIZES*, São Paulo, nº 1, jan./jun. 2014, p. 13-19. Disponível em: <<http://goo.gl/OauFDM>>.